

A FILOSOFIA COMO UMA DAS FONTES DO PENSAMENTO COMPLEXO DE EDGAR MORIN: A IMPORTÂNCIA DA DIALÓGICA CULTURAL

PHILOSOPHY AS A SOURCE FOR THE COMPLEX THOUGHT OF
EDGAR MORIN: THE IMPORTANCE OF CULTURAL DIALOGIC

Cleide Rita Silvério de Almeida

Professora do programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Nove de Julho
cleidea@uol.com.br

RESUMO: Este trabalho apresenta um breve quadro de autores – como Heráclito, Montaigne e Marx, entre outros – que se constituíram em fontes para Edgar Morin, tendo desempenhado importante papel em sua formação, e que podem também apontar caminhos para a tarefa de formação de nossos alunos na educação escolar, por meio não só de processos instrucionais, mas de dinâmicas de reflexão mobilizadoras do pensar que se apresentam como forças de interrogação sobre a condição humana. O pensamento complexo foi nutrido por diversas questões filosóficas que podem ser entrelaçadas com o romance, a poesia e o cinema, os quais, ao expor as complexidades humanas, vão ao encontro da curiosidade que sempre instigou Morin. Trata-se de um conhecimento que propõe a discussão dos opostos e das contradições como complementares e indissociáveis e aponta para a importância do diálogo.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Pensamento complexo. Educação.

ABSTRACT: This paper presents a brief authors frame – Heraclitus, Montaigne and Marx, among others – which constituted sources for Edgar Morin, having played an important role in his formation, and that may also point the way for the formation task of our students, not only by means of instructional processes, but due to mobilizing reflection dynamics of thinking that appear as question forces on the human condition. Complex thought was nourished by various philosophical questions that can be intertwined with romance, poetry and cinema, which, by exposing human complexities, meet the curiosity that always prompted Morin. It is a knowledge which proposes the discussion of opposites and contradictions as complementary and inseparable, and points to the importance of dialogue.

KEY WORDS: Philosophy. Complex thought. Education.

1 Introdução

“Complexificar significa também crer na poesia de uma cultura.”
(MORIN, 2002, p. 10)

Assim como os animais onívoros, que não são só herbívoros ou carnívoros, mas capazes de metabolizar alimentos de diferentes tipos, Edgar Morin sempre teve “curiosidades onívoras” (MORIN, 2000b, p. 34) estimuladas e alimentadas por diversas fontes culturais, como o cinema, a literatura e a filosofia. Este trabalho se propõe a tarefa de trazer uma primeira aproximação com estas fontes ou com passagens de sua obra em que ele as comenta, explicita ou a elas remete. Ele reconhece: “[...] foram os pensadores, não apenas os reputados filósofos, mas também historiadores, romancistas e poetas, que me nutriram” (MORIN, 2013, p. 9). E acrescenta:

Os filósofos que me marcaram são aqueles que nutriram a unidade e diversidade de minhas interrogações. Meus filósofos, volto a repetir, não são todos “filósofos”, entre eles encontram-se romancistas como Dostoiévski, matemáticos e metamatemáticos como Heinz Von Foerster, fundadores de espiritualidades e de ética como Jesus ou Buda e, também, o titã Beethoven... (MORIN, 2013, p. 17).

O trabalho de elaboração do pensamento complexo associou expressões filosóficas diversas que, em constante diálogo e articulação, criaram um sistema de ideias abertas. Estas trazem à tona a cultura e a trama do conhecimento vai sendo tecida nesta relação entre cultura e sociedade. As ideias estão em interação com a práxis histórica, mas, como apontamos para um sistema de ideias abertas, é importante falar da dialógica cultural, que expressa a possibilidade de pontos de vista diferentes.

Atualmente, por exemplo, estudamos e entramos em contato com o pensamento filosófico produzido na América do Sul, América do Norte, África, Europa, e entendemos que tais contextos, com seus respectivos ambientes socioculturais, impregnam e interagem com o sistema de ideias. Pode-se dizer que as culturas presentes em cada sociedade são co-autoras na produção de teorias e sistemas de ideias. A dialógica

cultural supõe troca e intercâmbio, estimulando a conhecer e reconhecer a importância de outras culturas, ao mesmo tempo em que permite um exercício crítico em relação à nossa. É uma experiência de alteridade que amplia nosso olhar, respeitando outras perspectivas além daquela com a qual estamos familiarizados. Neste sentido, trazemos o pensamento complexo como um enfoque em educação que respeita a multiplicidade e o entrosamento entre elementos heterogêneos, ou até mesmo antagônicos, que desafiam a um diálogo incessante, evitando batalhas, dogmatismos e intolerâncias.

A filosofia – tratada neste trabalho com uma das fontes do pensamento complexo – também contou, em sua história inicial, com a força do diálogo. Morin esclarece que sua relação com este sistema de ideias não se limitou à disciplina filosofia, e reconhece sua dívida com outros formadores, como os romancistas, os matemáticos e outros anteriormente citados, que viveram em culturas e momentos históricos diversos. Para ele, “[...] a filosofia deve contribuir eminentemente para o desenvolvimento do espírito problematizador, [constituindo-se como] uma força de interrogação e reflexão” (MORIN, 2000a, p. 23).

Sua primeira fonte expressiva de nutrição foi a cultura da Rua de Ménilmontant, pois lá ficou envolvido com o mistério do cinema que, junto com a literatura, alimentava seu interior, colaborando também para o desenvolvimento do autodidatismo que lhe é característico. A vida imaginária proporcionada pelo cinema e pela literatura possibilitava encontrar correspondências com a vida vivida. Em *Meus demônios*, Morin (2000b, p. 20) afirma: “Pelo romance e pelo livro, cheguei ao mundo”.

Junto com seu primo Fredy, explorava o bairro como se fosse uma aventura e frequentava os três cinemas: o Phénix, o Ménil e o Século XX.

Morin é um buscador inquieto, itinerante e incessante de ideias. Lendo sobre sua vida, é possível afirmar que a ausência de um sistema de referências construído a partir do núcleo familiar tornou-o disponível para conhecer e acolher o novo, uma vez que não carregava uma herança de crenças e valores. A perda da mãe aos 9 anos e o fato de terem escondido dele o acontecido fizeram com que ele mergulhasse nas contradições da vida desde cedo. Não carregando em sua bagagem nenhuma verdade absoluta, abriu-se a um caminho que, como apresenta em *O método 1* (MORIN, 2003, p. 39), assemelha-se àquilo que o Tao chama de Espírito

do Vale, o qual “[...] recebe todas as águas que derramam nele, [ou] como uma abelha que se inebriou de tanto colher o mel de mil flores, para fazer dos diversos polens um único mel” (MORIN, 2000b, p. 41).

A ausência de um referencial familiar articulada à busca, ao autodidatismo e a uma atitude onívora vão tecendo uma postura indisciplinar, no sentido de não se fechar no recorte específico de uma teoria. Isto também tem como consequência uma conduta contínua de estudante dos assuntos humanos. Este processo de elaboração pessoal constrói-se na diversidade e comunicação entre os conhecimentos, plantando desde o início os alicerces de um pensamento complexo, mesmo que este nome a princípio não fosse usado. Em contato com pensamentos vários, constelação de conceitos e ideias, Morin aprendia com os filósofos ao mesmo tempo em que estabelecia um diálogo com aqueles mestres.

2 Encontros

Heráclito é frequente na obra de Morin e a ideia que ele sempre cita, “viver de morte, morrer de vida”, tem um vínculo profundo com sua história pessoal, movida por contradições desde seu nascimento. Vidal, pai de Morin, revela ao filho, depois de muitos anos, que a mãe sofria de uma lesão no coração causada pela gripe espanhola e que ela não deveria engravidar. Mas ela tinha omitido do marido esta proibição. Embora sua morte não tenha ocorrido no momento do parto, mas durante uma viagem de trem, o nascimento de Morin foi marcado por uma tensão entre vida-morte-vida. A morte de Luna, sua mãe, e a ferida que se abriu no pequeno Edgar são apresentadas em seus escritos, e em *Vidal e os seus* (MORIN, 1994) temos conhecimento dos fatos com toda sensibilidade e dor que permearam este momento.

A respeito da importância das contradições, nascidas a partir de um contexto de vida e tornadas presentes em sua obra, e também por fazer com que Morin retome os autores que com elas trabalham, vale destacar duas passagens:

[...] vivi desde a infância o combate entre desesperança e esperança. Esse combate, oriundo de uma contradição entre a

consciência de que a morte de minha mãe era irreversível e a esperança irreprimível de sua volta (ela nunca deixou de voltar em meus sonhos), deslocou-se no mundo de minhas idéias e em minhas idéias do mundo, e tornou-se o combate entre um ceticismo irremediável e uma esperança sempre renovada. (MORIN, 2000b, p. 49).

Daí minha fascinação pelos autores que viveram mais íntima e intensamente esta contradição (Pascal, Dostoievski), pelos filósofos da contradição que, na verdade, nunca a suprimem (Heráclito, Hegel). Passo de uma a outra polaridade segundo a última influência maior, mas, fazendo-o, não cesso de alimentar a ambas. (MORIN, 2000b, p. 50-51).

Em livro que traz entrevistas concedidas a Djénane Tager, Morin (2010) aponta Heráclito como uma leitura marcante e um pensamento que o ajudou em sua formação. Acrescenta que até hoje, quando há necessidade de se suprir, lê alguns fragmentos que revigoram o seu pensar. Ao lado deste filósofo grego das contradições, Morin (2010, p. 83) também foi leitor de Hegel, visto por ele como um “[...] pensador em movimento, que se defronta incessantemente com as contradições” e com o devir, e que formou a base de seu marxismo. Retoma a importância também de outras contribuições, como de Jankélévitch e Bachelard, cujos cursos seguiu na Sorbonne.

Perguntado sobre se sua identidade de filósofo havia permanecido marxista, comenta:

Meu marxismo, ou melhor, meu marxismo-hegeliano já integrava, em 1950, as contribuições de Freud, Jung, Ferenczi, Otto Rank e de filósofos como Jankélévitch e Bachelard. Mas, no fim dos anos 1950, abandonei esse tipo de abordagem fechada em prol de uma constelação de pensamentos nos quais Marx e Hegel certamente têm seu lugar, mas com Heráclito, Pascal, Kant, Nietzsche, Husserl e Heidegger. (MORIN, 2010, p. 88).

E em *Meus demônios* afirma: “E, se sou atraído pelo marxismo, é porque pressinto que é um pensamento que enfrenta e supera as contradições” (MORIN, 2000b, p. 53).

O pensamento complexo foi-se construindo neste movimento de correntes e contracorrentes, procurando articular e dialogar com forças antagônicas: “De qualquer forma, foi sempre o choque entre duas idéias contrárias que suscitou cada um de meus livros” (MORIN, 2000b, p. 60). Não se trata de um pensamento baseado em compatibilidades, mas que assume as tensões existentes entre as dissonâncias, divergências e os conflitos, promovendo um diálogo entre a contradição e a dúvida e entre várias maneiras de pensar.

[...] alimentei-me, ao mesmo tempo que das leituras marxistas de meus anos de formação, de leituras “existencialistas”, como aquelas da primeira tradução de Heidegger (O que é metafísica?), dos escritos de Jean Wahl sobre Kierkegaard, dos textos de Heidegger. De Scheler e de Jankélévitch, do Sartre pré-marxista etc. (MORIN, 2000b, p. 67).

O pensamento de Morin caminha com desenvoltura pelos antagonismos, procurando reunir coisas que, aparentemente, estão separadas. Complexificar é também religar, unir, contextualizar e dialogizar. Pensamento que não fica estático, unidimensional, mas opera por reorganizações contínuas, usando como antídoto a força das interrogações constantes e lidando com as incertezas. “Sou o que sou porque me alimentei em mil fontes.” (MORIN, 2000b, p. 254). “Ainda hoje, procuro no dia-a-dia abraçar o mundo em sua multiplicidade e seu devir, leio revistas e os mais diversos livros. [...] continuo a lançar minhas redes para pescar o oceano.” (MORIN, 2000b, p. 256).

Ao longo de sua obra, este autor faz referências aos pensadores que o alimentaram, como Montaigne, Rousseau, Hegel, Pascal e Dostoiévski, entre outros.

Vale dedicar ao menos uma passagem importante sobre Montaigne, considerando que em seu livro que trata da educação, *A cabeça bem-feita*, Morin (2000a, p. 21) apresenta a formulação de Montaigne segundo a qual

“[...] mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia”, inspiração para o título da obra.

[...] gostaria também que se tivesse o cuidado de lhe escolher um preceptor com a cabeça mais bem-feita do que bem recheada [...]. Os professores não param de gritar em nossos ouvidos, como quem entornasse o conhecimento num funil: nossa tarefa seria apenas repetir o que nos disseram. [...] Não quero que só o preceptor invente e fale: quero que, quando chegar a vez de seu discípulo, o escute falar. Sócrates e mais tarde Arcesilau mandavam primeiramente seus discípulos falarem, e só depois lhes falavam. [...] Que ele não lhe peça contas somente das palavras de sua lição, mas do sentido e da substância. E que julgue o proveito que a criança terá tirado, não pelo testemunho de sua memória, mas pelo de sua vida. Que a faça mostrar com cem feições diferentes o que tiver acabado de aprender, adaptando-o a outros tantos diversos assuntos para ver se aprendeu realmente e assimilou [...]. Regurgitar a comida tal como a engolimos é sinal de sua crueza e de indigestão: o estômago não fez seu trabalho se não mudou o estado e a forma do que lhe foi dado a digerir. [...] Que o preceptor faça o menino tudo passar pelo próprio crivo e que nada se aloje em sua cabeça por simples autoridade ou confiança. [...] O ganho de nosso estudo é termo-nos tornado melhores e mais sábios. É a inteligência (dizia Epicarmo) que vê e ouve; é a inteligência que tudo aproveita, que tudo arruma, que age, que domina e que reina: todas as outras coisas são cegas, surdas e sem alma. (MONTAIGNE, 2010, p. 91 et seq.).

Esta passagem sintetiza a postura que Morin propõe para a educação. Assim como Montaigne, ele trabalha a ideia, não de uma transmissão passiva de conhecimentos, mas de assimilação e apropriação, articulando tais premissas ao pensamento complexo. Destaca a importância do pensar bem, que significa religar os conhecimentos, superando o reducionismo, contextualizá-los, conceber-se como um pensar aberto, a importância da curiosidade e da dúvida, ficar atento à maneira de organizar os conhecimentos, exercitando a análise e a síntese, a separação e a ligação. E sem-

pre reforça o papel das inter-relações, lembradas de forma recorrente por Morin e que Pascal também nos ajuda a pensar.

Para conhecer o homem, portanto, mister se faz saber de onde vem o fato de precisar de ar para subsistir; e para conhecer o ar é necessário compreender donde provém essa sua relação com a vida do homem, etc. A chama não subsiste sem o ar; o conhecimento de uma coisa liga-se, pois, ao conhecimento de outra. E como todas as coisas são causadoras e causadas, auxiliadoras e auxiliadas, mediatas e imediatas, e todas se acham presas por um vínculo natural e insensível *que une as mais afastadas e diferentes*, estimo impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, bem como conhecer o todo sem entender particularmente as partes. (PASCAL, 1979, p. 55, grifo nosso).

Pascal aponta para a existência de encadeamentos entre as partes e o todo, o que dialoga de maneira estreita com Morin, que pensa as solidariedades entre os conceitos, procurando eliminar, assim, fronteiras no pensar. Este trabalho de religação entre os saberes foi realizado ao longo dos seis volumes de *O método*, escrito no decorrer de quase 30 anos, entre 1977 e 2004. “No limite tudo é solidário. Se tendes o sentido da complexidade tendes o sentido da solidariedade” (MORIN, 2001, p. 99-100). Interessante observar também que esta relação parte/todo e todo/parte aparece já no século XVII, em poema de Gregório de Mattos (2014): “O todo sem a parte não é todo, a parte sem o todo não é parte. Mas se a parte faz o todo, sendo parte, não se diga que é parte, sendo todo”.

Neste diálogo que fertiliza o pensamento, vale trazer parte do aforismo 434 de Pascal, na medida em que expressa e vai ao encontro da antropologia complexa de Morin ao trabalhar com contradições e, ao mesmo tempo, com a dialógica que vê situações antagônicas como complementares. “Que quimera é, então, o homem? Que novidade, que monstro, que caos, que motivo de contradição, que prodígio! Juiz de todas as coisas, imbecil verme da terra, depositário da verdade, cloaca de incerteza e erro, glória e escória do universo” (PASCAL, 1979, p. 144). Morin fala da confluência *sapiens-demens* no homem. O ser humano não se pauta apenas pela racionalidade, mas também pelo sonho. O onírico, o imaginário, o criativo, o abstrato e o

subjetivo conversam continuamente com a realidade, com o concreto, com o objetivo, alimentando-se mutuamente. Há um despertar, um irrigar entre uma esfera e outra, que não se excluem. E Pascal (1979, p. 134) completa este raciocínio com o aforismo 414: “Os homens são tão necessariamente loucos que seria ser louco (outro tipo de loucura) não ser louco”.

Em *Meu caminho*, Morin (2010) discorre sobre os princípios que estiveram presentes em sua trajetória, destacando dois, em especial, que se relacionam com o que estamos tratando. Um primeiro que, de acordo com ele, “[...] converteu-se em um princípio cognitivo permanente” (MORIN, 2010, p. 208) é o religar; e o outro é a incapacidade da lógica clássica em lidar com as contradições, que são fundamentais e constituintes do pensamento complexo exposto em *O método*. A lógica clássica se pauta por identidades estanques: o que é comprido não é curto, se é doce não pode ser amargo. Mas é interessante notar que até em obras da literatura infanto-juvenil, como no livro *O frio pode ser quente?*, de Jandira Masur (2005), esta lógica é desconstruída, mostrando que depende da maneira como vemos as coisas e também, muitas vezes, do lugar de onde vemos. Com ilustrações e exemplos interessantes e criativos, essa autora conclui o livro com a seguinte ideia:

Curto e comprido, bom e ruim, vazio e cheio, bonito e feio, são jeitos das coisas ser. Depende do jeito da gente ver. Ver de um jeito agora e de outro jeito depois, ou melhor ainda ver na mesma hora os dois. (MASUR, 2005, p. 30-32).

A partir de exemplos do cotidiano, Masur (2005) vai tecendo um raciocínio que dialetiza e dialogiza, demonstrando que uma coisa pode ser e não ser ao mesmo tempo. Um gol numa partida de futebol pode parecer pouco, mas se o resultado final for 1X0, esse único gol foi o bastante para vencer; uma colher de doce, por mais cheia que esteja, pode ser pouco, enquanto que uma colher, mesmo pequena, de remédio parece muito grande.

Assim como este livro, há várias outras propostas literárias que não apresentam histórias numa relação causa-efeito, ou isto ou aquilo, incorporando um movimento de pensar metódico que não é prescritivo, mas mobilizador de reflexão. Para Morin (2010, p. 235), “O método é simultaneamente científico, filosófico e literário”.

Eu partia de uma constatação: em nossas escolas, em nossas universidades, certamente nos ensinam a compreender as coisas, mas elas são separadas, isoladas. Não somos ensinados a religá-las e, portanto, a enfrentar nossos problemas fundamentais, globais. Eu devia, então, elaborar um pensamento complexo, ou seja, uma forma de pensar não apenas as ciências, não apenas a filosofia, não apenas a política, mas também, a vida cotidiana, a vida de cada um de nós. (MORIN, 2010, p. 216).

As fontes filosóficas do pensamento complexo estendem-se para além das mencionadas. Como nosso objetivo era estabelecer uma primeira aproximação, entendemos que este é um trabalho em construção, que continuará sendo ampliado e enriquecido em várias situações acadêmicas.

3 Considerações finais

Como apontado no início, foram trazidas como proposta de reflexão, e apresentadas para o debate e diálogo com o leitor, algumas ideias preliminares para situar a importância da filosofia na construção do pensamento complexo. Edgar Morin alimentou-se de várias fontes, não só da filosofia, mas é inegável o papel que esta desempenhou no caminho de sua forma de pensar. Considerando também seu envolvimento com a literatura e com o cinema, pensamos que esta articulação pode constituir-se numa proposta de trabalho junto aos alunos, nos diversos graus de ensino, para produzir uma maneira renovada de propor o conhecimento, pela união e diálogo entre os saberes.

Temos procurado desenvolver esta postura em nosso grupo de pesquisa e nas disciplinas sob nossa responsabilidade, trabalhando diversos suportes textuais, realizando visitas monitoradas em espaços culturais e artísticos, proporcionando teias de relações, instigando a curiosidade e cultivando indagações. Nosso encontro e aproximação com o pensamento complexo de Edgar Morin foi-se construindo ao percebermos um pensamento que enfatizava o movimento e se expandia com várias referências, que propunha um campo de relações, interconexões e interdependências,

que não se estabelecia na linearidade, separando, reduzindo e fragmentando. Na verdade, e em síntese, trata-se de uma proposta de desenvolver uma atitude onívora em nós e em nossos alunos, por meio da leitura de pensadores clássicos e contemporâneos, da literatura, incluindo a infanto-juvenil, poesia, música, arte, para nos aproximarmos do personagem de Monteiro Lobato, quando expressa: “– Sinto uma comichão no cérebro, disse Pedrinho. Quero *saber* coisas. Quero saber tudo quanto há no mundo [...]” (LOBATO, [19-], p. 407, grifo do autor). Vale trazer a conversa entre as crianças e d. Benta em seus serões, para percebermos que esta senhora – que tinha uma vasta biblioteca e fazia muitas leituras – certamente receberia a aprovação de Montaigne e de Morin como preceptora, na medida em que não promovia o empilhamento dos conteúdos, mas estabelecia uma longa e estimuladora conversação.

– Outra coisa que não entendo – disse Narizinho – é esse negócio de várias ciências. Se a ciência é o estudo das coisas do mundo, ela devia ser uma só. Porque o mundo é um só. Mas vejo física, geologia, química, geometria, biologia – um bandão enorme. Eu queria uma ciência só.

– Essa divisão da Ciência em várias ciências – explicou Dona Benta – os sábios a fizeram para comodidade nossa. Mas quando você toma um objeto qualquer, nele encontra matéria para todas as ciências. Este livro aqui, por exemplo. Para estudá-lo sob todos os aspectos temos de recorrer à física, à química, à geometria, à aritmética, à geografia, à história, à biologia, a todas as ciências, inclusive a psicologia, que é a ciência do espírito, porque o que nele está escrito são coisas do espírito.

– Mas que é ciência, vovó? – perguntou Narizinho. – Eu mesma falo muito em ciência mas não sei, bem, bem, bem, o que é.

– Ciência é uma coisa muito simples, minha filha. Ciência é tudo quanto sabemos.

– E como sabemos?

– Sabemos graças ao uso da nossa inteligência, que nos faz observar as coisas, ou os fenômenos, como dizem os sábios. (LOBATO, [19-], p. 407).

A atitude destas crianças oferece sugestões de caminho para a sala de aula, baseadas na curiosidade, no diálogo que fertiliza ideias, nas leituras, abandonando o empilhamento burocrático e estéril que nada acrescenta nem enriquece.

Referências

- LOBATO, Monteiro. *Obras completas*. 15. ed. v. 8. São Paulo: Brasiliense, [19-].
- MASUR, Jandira. *O frio pode ser quente?* São Paulo: Ática, 2005.
- MATTOS, Gregório. *Ao braço do mesmo Menino Jesus quando apareceu*. Disponível em: <<http://www.vidaempoesia.com.br/gregoriodematos.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2014.
- MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*: uma seleção. Organização M. A. Screech. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.
- _____. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- _____. *O método 1*: a natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- _____. *O método 4*: as idéias. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- _____. *Meu caminho*: entrevistas com Djénane Kareh Tager. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b.
- _____. *Meus filósofos*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- _____. *Vidal e os seus*. Com a colaboração de Véronique Grapp-Nahoum e Haïm Vidal Sephiha. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- PASCAL, Blaise et al. *Pensamentos*: Blaise Pascal. Introdução e notas de Ch.-M. des Granges. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

Recebido em 23 mar. 2015 / Aprovado em 13 nov. 2015

Para referenciar este texto

ALMEIDA, C. R. S. A filosofia como uma das fontes do pensamento complexo de Edgar Morin: a importância da dialógica cultural. *EccoS*, São Paulo, n. 38, p. 189-200, set./dez. 2015.